Capítulo XXV — Uma experiência

I

Para nos provar, claro como dois e dois são quatro, que a conversão do mundo, com todas as suas consequências, por um Judeu crucificado que não é senão um Judeu, ajudado por doze pescadores como todos os outros pescadores, é coisa facílima, lógica, que de modo algum supera as forças humanas e que não exige milagre algum, vamos pedir a algum incrédulo de renome, o sr. Renan, por exemplo, que nos dê uma repetição dela.

Jamais empresa foi mais digna de seu grande coração. Sua profunda compaixão pelo gênero humano, tolamente curvado, há tantos séculos, sob o jugo degradante da idolatria cristã, não permite duvidar de que se preste com alegria à experiência proposta.

II

Pois bem: certa manhã, o altivo negador da divindade do cristianismo desce à rua, seus dois famosos volumes debaixo do braço, e dirige-se ao arrabalde de Saint-Antoine. À sua vista, apresenta-se o filho de um carpinteiro, fumando seu cachimbo diante da oficina de seu pai.

Chama-o e lhe diz: «Sou o sr. Renan, membro do Instituto. A ciência demonstrou-me que o estabelecimento do cristianismo é obra puramente humana. Jesus não é Deus, não fez milagres. Seus apóstolos eram sonhadores. Acometidos de alucinação, o que acontece muitas vezes na Judeia, julgaram ver o que não viram, ouvir o que não ouviram. Meus livros, aqui estão, dar-te-ão a prova disso.

«Salvo eu e os meus semelhantes, a humanidade é, há dezoito séculos, vítima de uma vergonhosa mistificação. Para convencê-la disso, resolvi dar uma repetição do fato de que Jesus foi o herói.

III

«Escolhi-te para executar esta empresa: o sucesso fará a tua glória tanto quanto a minha. Cheio desse pensamento, vais recomeçar o papel de Jesus de Nazaré. Esse papel te é conhecido, e estás

em todas as condições requeridas para desempenhá-lo. De um lado, és carpinteiro e filho de carpinteiro; de outro, não precisas, para ter êxito, nem de agentes sobrenaturais, nem de milagres. Mãos à obra, pois, e te tornarás imortal.»

IV

Sob a palavra do sábio acadêmico, o jovem carpinteiro deixa a oficina de seu pai, desce às margens do Sena e reúne ao redor de si doze pescadores de profissão. «Meus amigos, diz-lhes, deixai aí as vossas barcas e as vossas redes. Segui-me; tenho uma importante comunicação a fazer-vos.»

Eles o seguem.

V

Com eles sobe aos montes Chaumont e, retirando-se à parte, faz que se sentem na relva; depois fala-lhes nestes termos: «Conheceis-me; sabeis que sou carpinteiro de ofício e filho de carpinteiro. Há quase trinta anos trabalho na oficina de meu pai. Muitas vezes me vistes, quando vínheis procurar-nos para consertar as vossas barcas.

VI

«Pois bem! Estais em erro. Não sou de modo algum o que pensais. Tal como me vedes, sou Deus. Fui eu quem criou o céu e a terra. Resolvi fazer-me reconhecer pelo que sou e fazer-me adorar em todo o universo, até o fim dos séculos. Quero associar-vos à minha glória.

VII

«Eis o meu projeto: começo por percorrer, durante algum tempo, pregando e mendigando, os campos dos arredores de Paris. Uns me escutam, outros zombam de mim e me repelem. Acusam-me de diversos crimes, e manobro tão bem que me faço condenar à morte e conduzir ao cadafalso. Aí está o meu triunfo.

VIII

«Três dias depois da execução, recoloco a cabeça sobre os ombros; ressuscito e vos digo: ‹Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do carpinteiro de Paris e ordenando-lhes que creiam tudo o que vos ensinei, que façam tudo o que ordeno.›

IX

«Paris será o primeiro teatro de vossa pregação. Percorreis as ruas; detendes-vos nas praças; chamais os transeuntes e lhes dizeis:

«‹Escutai a grande notícia. O jovem carpinteiro do arrabalde de Saint-Antoine, que percorria os campos mendigando e pregando; que se fez condenar à morte pelo tribunal do júri e que foi executado nestes últimos dias, não é um homem: é o Filho de Deus, o Criador do céu e da terra.›

X

«Para terdes a glória e o prazer de adorá-lo, deveis todos, sem exceção, homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, começar por confessar que vós e vossos pais, bem como todos os povos do mundo, não fostes até aqui senão um rebanho de ignorantes, vítimas dos mais grosseiros erros.

«Em seguida deveis prostrar-vos humildemente a nossos pés, com o arrependimento no coração, dizer-nos todos os vossos pecados, mesmo os mais secretos, e fazer todas as penitências que nos parecer bom impor-vos.

XI

«Depois tereis a complacência de deixar-vos zombar, injuriar, insultar sem dizer palavra; meter na prisão, sem opor a menor resistência; açoitar até o sangue, com a ação de graças nos lábios; enfim, cortar a cabeça na praça pública, e crer do fundo do coração que é tudo o que vos pode acontecer de mais feliz.

«Eis, meus amigos, o que repetireis palavra por palavra em todos os bairros de Paris. Dali vos espalhareis pelas províncias; atravessareis os Alpes, os Pireneus, o Oceano, e ireis pregar a mesma doutrina até os confins do mundo.

XII

«Não devo ocultar-vos: todo o mundo zombará de vós. As pessoas crescidas dirão que bebestes. Bandos de crianças correrão atrás de vós, vociferando e atirando-vos pedras. Tudo isso causará tumulto na cidade. Os agentes de polícia vos prenderão, sereis levados diante da justiça. O procurador imperial vos fará severas admoestações e vos impedirá de pregar a minha doutrina.

«Não o escutareis, e a pregareis com mais entusiasmo ainda. Prender-vos-ão de novo: deixar-vos-eis prender. Açoitar-vos-ão de novo: deixar-vos-eis açoitar. Meter-vos-ão de novo na prisão: deixar-vos-eis meter na prisão. Enfim, para vos fazer calar, em Paris ou alhures, cortar-vos-ão a cabeça: deixar-vos-eis cortar a cabeça. Então tudo irá pelo melhor.

XIII

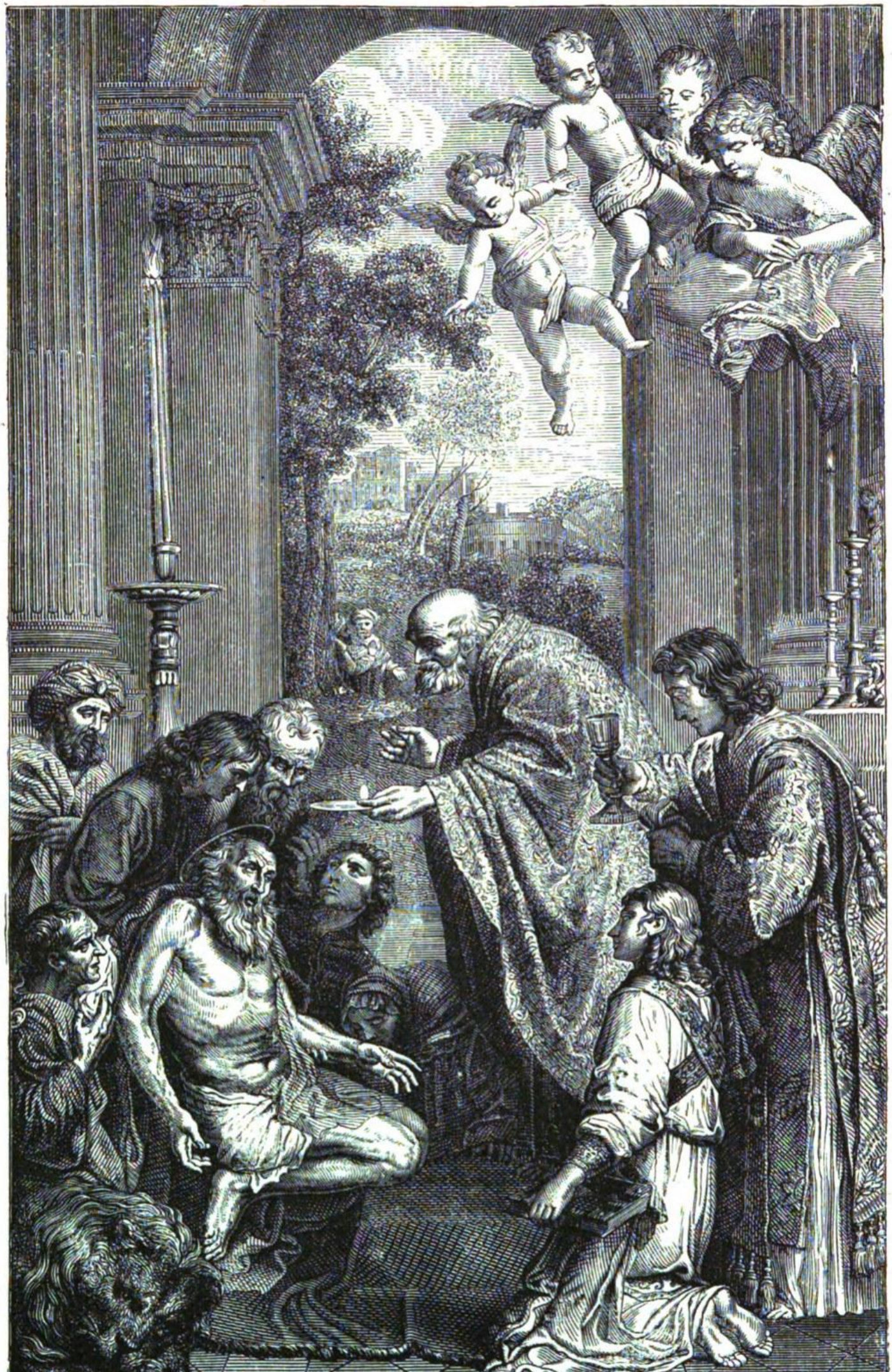
«Quando isso estiver feito, teremos plenamente conseguido: todo o mundo quererá converter-se. Eu serei reconhecido como o único verdadeiro Deus. Adorar-me-ão primeiro em Paris, depois em todo o departamento do Sena e nos demais. De Paris, meu culto passará a Roma, a Londres, a Petersburgo, a Madri, a Constantinopla, a Pequim. Logo a oficina de meu pai tornar-se-á uma linda capela, aonde os peregrinos chegarão em multidão dos quatro cantos do mundo, e seus ricos presentes farão o orgulho de minha cidade natal.

XIV

«Quanto a vós, meus doze apóstolos, sereis doze santos, que se invocarão por todo o universo. Colocar-se-ão vossos ossos em altares de ouro e de mármore; vossas estátuas em nichos, e vossos retratos, pintados em estandartes, serão levados em procissão, não somente em Paris, mas no mundo inteiro, até o fim dos séculos. Assim chegareis em linha reta à imortalidade, sem contar o céu que vos prometo por toda a eternidade. Que felicidade para vós! Que glória para vossas mulheres e vossos filhos!

«Converter o mundo não é mais difícil que isso. E eis o meu projeto. É, como vedes, muito simples, muito lógico; em nada excede as forças humanas e não exige sombra de milagre.

«Posso contar convosco, não é verdade?»



> **A comunhão de São Jerônimo.** Quadro de Domenichino, no Vaticano, século XVII. — Em sua moral, a religião cristã era assustadora de austeridade; só falava de crucifixão, de lágrimas, de mortificações, de jejuns, de vigilância contínua, de combates contra si mesmo. (Ver o texto, p. 36.)

XV

Como seria acolhido semelhante discurso? Não é preciso dizê-lo. Ouço os nossos bravos pescadores, irritados com a mistificação de que são objeto, censurá-la energicamente, de palavra e de gesto, talvez de braço, a quem é o seu autor. Vejo-os descer a Paris, publicando por toda parte que a cabeça do jovem carpinteiro do arrabalde de Saint-Antoine se mudou.

E ninguém se espantaria de saber que o novo Deus foi conduzido, no mesmo dia, ao hospício de Charenton, onde goza, em vez das honras divinas, do privilégio incontestado de ocupar o segundo lugar entre os loucos, pertencendo o primeiro, sem contestação, ao inventor do projeto.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:51:20 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin